



óculo

revista do patrimônio cultural
lepha-MG > nº 3 / 2020

Nara Grossi

ARQUITETURA, FOTOGRAFIA E PATRIMÔNIO: RELAÇÕES COM A PAISAGEM*

* Este artigo é um desdobramento do Circuito Fotografia e Patrimônio Cultural, realizado pelo Iepha-MG, em parceria com a NITRO, em 2017, em Belo Horizonte, que contou com a participação da autora.

Ao receber o convite do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha-MG) para falar sobre este tema tão complexo e múltiplo que é pensar a cidade sobre tantas – e complementares – óticas, sabia que traria para o debate duas análises importantes dentro do meu percurso enquanto arquiteta e pesquisadora: o trabalho sobre a obra de Humberto Serpa e o projeto de requalificação do Teatro Oficina.

Minas Gerais e São Paulo conectados, não só pelo tempo ou pelas similaridades da arquitetura, mas pela influência desta na construção da imagem urbana e afetiva de uma cidade. Cada vez mais se torna claro o entendimento de que o objeto construído não pode se contentar em estar voltado para si mesmo, é importante que ele se expanda e se comprometa com a paisagem da cidade. Com isso, o discurso de preservação deixa de ser fechado, porque ampliamos a relação desses edifícios com a cidade, e o patrimônio cultural fica muito mais próximo de todos nós.

Nesse sentido, a obra de Humberto Serpa constrói esse diálogo a todo momento. Podemos dizer que em todos os seus projetos há uma preocupação rigorosa na relação do objeto com a paisagem. O edifício do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) marca o início da carreira do arquiteto, um projeto em conjunto com Marcus Vinicius Meyer, Marcio Pinto de Barros e William Abdalla, vencedor de concurso em 1969.

Localizado no entorno da praça da Liberdade, em terreno de esquina entre as ruas da Bahia e Bernardo Guimarães, o projeto parte da malha estrutural como definidora do objeto. Pilares trapezoidais em concreto aparente marcam os limites frontais do lote e sustentam o corpo do edifício, que se materializa recuado e quase flutuante. O descolamento entre corpo e estrutura abre perspectivas, instaurando uma relação de visadas generosas entre o edifício e a cidade, ao mesmo tempo em que dialoga com o pedestre, que passa pelo pilar da esquina, oferecido à rua, numa arquitetura sem cerceamentos, onde os espaços público e privado se misturam.

A grelha vazada de concreto aparente no coroamento reflete a lógica estrutural adotada, favorecendo, juntamente com os pilares, a participação da luz natural como elemento de transformação do espaço construído. A luz, assim como elementos físicos e conceituais adotados na arquitetura, também possui papel transformador da paisagem, na relação de permeabilidade e expressividade do edifício com seu entorno. Ela ocupa os vazios construídos.

O que se percebe é que Serpa partia de uma implantação muito bem-estudada, definindo a relação do edifício com o lote e com seu entorno. A boa implantação preserva a qualidade do projeto, criando um vínculo quase que imutável, numa arquitetura resistente ao tempo. A correção da implantação

talvez seja uma das características que garantiram a integridade de suas obras na atualidade; apesar de a grande maioria ter sofrido intervenções, estas apresentam-se menos importantes frente à força do partido arquitetônico.

Há uma relação constante com o entorno, com o espaço onde o prédio está inserido. De cada lugar que se está há um ângulo, uma visada, uma nova tomada visual da cidade. E poder vivenciar essa arquitetura tão emocionante como a do BDMG é muito importante para a cidade. Paisagem, arquitetura e fotografia vão se entrelaçando nesse raciocínio de entendimento do edifício e da obra do arquiteto.

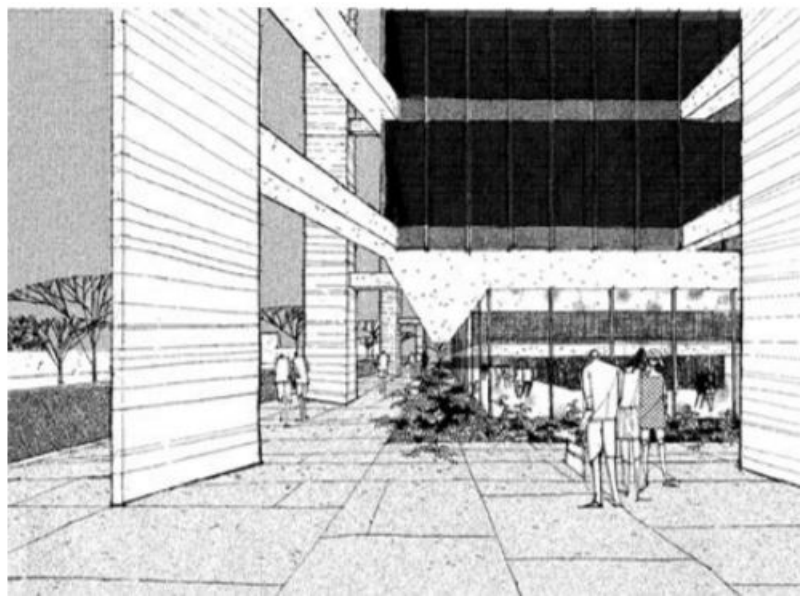
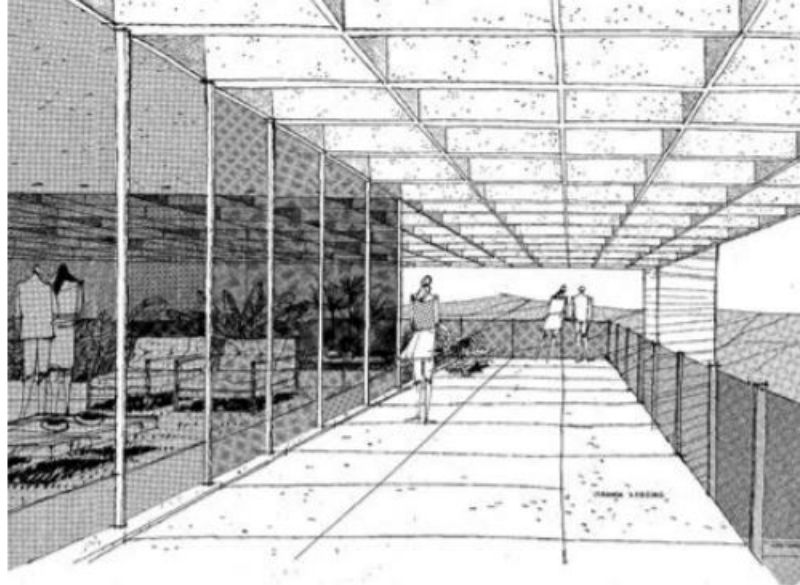
Em 1978, o BDMG lançou concurso fechado para o projeto do edifício anexo à sede. Já com

escritório consolidado, Serpa não cogitou a possibilidade de retomar os trabalhos com o grupo anterior, vencedor do concurso em 1969. Sua participação contou com equipe multidisciplinar, envolvendo os urbanistas-paisagistas Klara Kaiser e Koiti Mori e a artista plástica Fayga Ostrower.

A equipe saiu vencedora. O edifício anexo deveria estar perfeitamente relacionado com a sede e com a conformação da paisagem, levando-se em conta as características plásticas, construtivas e simbólicas. A proposta de projeto contou com uma tripla articulação: o edifício existente, o edifício novo e a relação com a rua. Buscava-se a conformação do conjunto arquitetônico.

Enquanto na Sede, projeto de 1969, Serpa trabalha a tensão, o volume é mais baixo com a







estrutura descolada do corpo do prédio, no Anexo, projeto de 1978, ele gruda a estrutura e distende o volume, que tem maior altura. Há uma clara preocupação com a relação de proporção, de harmonia com a paisagem, num pensamento que se compromete com a cidade.

Percebe-se a preocupação com a conformação de conjunto. Pode-se afirmar que os projetos foram elaborados num mesmo momento, em entendimento único. A linguagem usada anteriormente foi revisitada, reestruturando um pensamento que demonstra coerência na produção do arquiteto, em projetos que tiveram um intervalo de dez anos entre suas concepções.

É curioso tratarmos aqui do tema fotografia porque, já em 1978, para o concurso do Anexo, Serpa fez várias fotomontagens para mostrar, justamente, o impacto do novo edifício junto ao entorno. Ele utiliza, por exemplo, a foto da Igreja de Lourdes e faz a inserção do novo volume, demonstrando preocupação e atenção com a paisagem construída.

Hoje, são raros os projetos que levam o entorno em consideração; raramente vivenciamos essa expansão da responsabilidade do projeto para além de seu próprio lote.

Importante também trazer a Residência Van Damme, de 1983, para nossas reflexões sobre paisagem, fotografia e cidade. Nesse projeto, Serpa cria, claramente, uma conexão e reverência com a serra do Curral. A casa foi implantada junto a uma das divisas laterais e à de fundos, com volumetria curva que liberou parte do lote na busca por estabelecer um diálogo com a serra.

Serpa se apropriou do desnível do terreno para construir uma nova topografia: criou um plano intermediário a partir da cota mais alta do alinhamento da rua, que funcionou como organizador dos fluxos, da distribuição dos pavimentos e das relações criadas entre exterior e interior. Esse plano configurou o pátio de lazer da casa, construindo um vazio frontal que recebeu o centro irradiador da curva definidora de parte da cobertura.

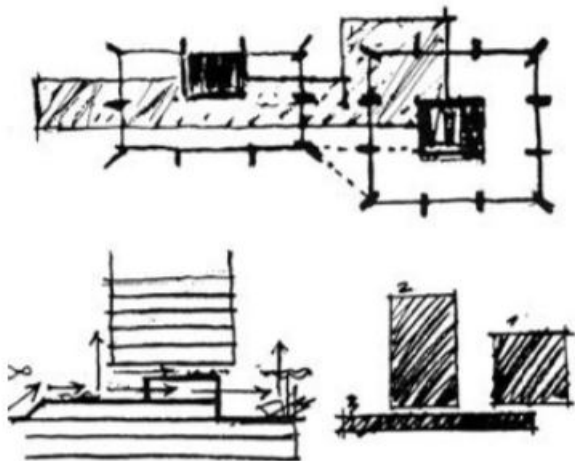
O arquiteto, mais uma vez, trabalha com a estrutura de concreto que abraça o volume, que abraça o que vai acontecer por baixo. Com isso, de certa forma, ele garante essa integridade resistente, que é de manter o projeto íntegro com o passar dos anos, apesar dos desgastes, das pequenas modificações, das descaracterizações.

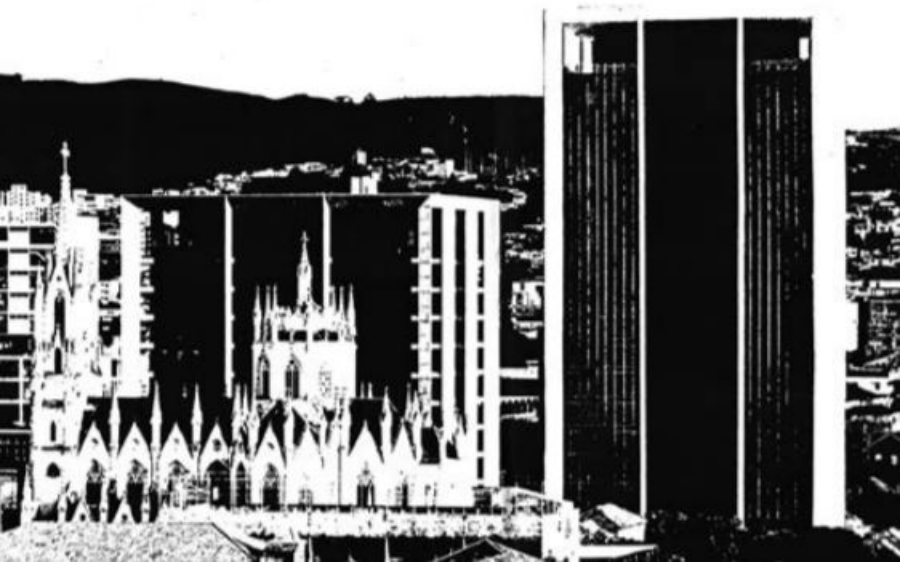
A luz natural também tem uma forte participação na percepção da espacialidade da casa. Serpa cria toda uma trajetória onde a luz vai direcionando o caminho e fortalecendo a relação de interior com exterior.

A Residência Van Damme representa a síntese dos projetos do arquiteto, que traz, dentre outras características importantes, a preocupação com o entorno e o olhar para a cidade como uma premissa fundamental no entendimento da arquitetura.

Existe um viés poético, ético e estético na obra de Serpa que define sua produção. E, a partir disso, conseguimos criar uma conexão com o Teatro Oficina, projetado por Lina Bo Bardi e Edson Elito na década de 1980, onde também podemos falar da poesia e do comprometimento desta arquitetura com a paisagem urbana, numa relação que olha para fora, para o outro.

Não temos nenhuma pretensão, aqui, de trazer questões da luta do Teatro para garantir sua existência enquanto edifício e sua importante relação com o entorno. Para isso precisaríamos de um artigo apenas para tratar desse assunto. O que pretendemos trazer à luz da discussão é essa importante relação que o Teatro estabelece com a paisagem, fortalecendo o entendimento de que esse edifício se expande para além de seu espaço









construído e tem em seu discurso arquitetônico a interlocução com a cidade, com a memória e com patrimônio.

Em 2015 o escritório Gema Arquitetura foi contratado pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo para o projeto de reforma e requalificação do Teatro Oficina. Ícone da produção cultural brasileira e ambiente de vanguarda e experimentação de artes cênicas, dança, música e performances coletivas, foi tombado pelo IPHAN em 2010 depois de já ter passado por um conturbado processo no CONDEPHAAT. Previa-se que o espaço poderia receber atualizações e acréscimos desde que fosse preservada a aura de teatro aberto, como extensão da rua e equipamento apropriável pela comunidade.

Nossa proposta de projeto, além de planejar todo o restauro do Teatro, define uma nova volumetria na parte posterior do edifício, trazendo mais conforto para o pavimento dos camarins e acomodando a nova área de convivência, que conta com uma cozinha e um *deck-solarium* para ensaios e aulas de ioga. Esse novo pavimento, com pé-direito generoso, tem fechamento em vidro em todas as suas faces, em materialidade que se contrapõe e se desloca dos tijolos aparentes preexistentes.

Com as alterações propostas, mantém-se a integridade do espaço cênico interno devido às suas características inovadoras e únicas, ao mesmo tempo em que o edifício é completamente renovado e readaptado às necessidades do grupo. Revisão e atualização de toda a elétrica e luminotécnica, nova possibilidades de iluminação cênica, atualização dos elementos acústicos, renovação e substituição dos caixilhos e dos acabamentos, adaptações de acessibilidade e reforço estrutural para os acréscimos dos pavimentos superiores foram alguns dos itens contemplados no projeto.

O novo Teatro Oficina atualiza a história desse importante núcleo cultural e reposiciona no século XXI os princípios de sua composição estética e funcional, agregando ao seu conjunto, com delicadeza

e sensibilidade, novas tecnologias, materiais e conceitos desenvolvidos pela arquitetura contemporânea.

A essência do espaço existente foi mantida. O grande janelão de vidro, por exemplo, permanece inalterado, mas ganha, recuado, uma faixa translúcida que engloba a nova área expandida deste terceiro pavimento. É interessante lembrarmos que era premissa do projeto de Lina integrar teatro e cidade através desse janelão.

O teatro estabelece uma relação muito forte com o entorno. Pela diversidade de sua ocupação, o bairro do Bixiga tornou-se reduto boêmio da cidade, lugar de teatros, bares e cantinas. O Plano Diretor de São Paulo atesta a importância do bairro e afirma que “é imediato associar o Teatro Oficina a esse contexto por duas vias: tanto o Oficina pode ser tomado como elemento-chave de um processo de reabilitação quanto a preservação dos valores do bairro é essencial à vitalidade do Oficina”¹.

A presença do Teatro agita e renova esse espaço da cidade. E, a partir desse papel que o Oficina exerce no bairro e na cidade, é inevitável pensar na grande discussão pública sobre o terreno vizinho ao Teatro e que uso será dado a ele. Esse é um dos tantos debates que mostra o quanto é urgente refletir sobre o que queremos para nossas cidades.

Arquitetura e patrimônio dialogam entre si o tempo todo e em todos os níveis de intervenção. E gostaria, aqui, de entender o patrimônio enquanto responsabilidade com a paisagem, com nossas relações de memória. Através da elaboração do objeto arquitetônico, temos a capacidade de transformação da paisagem e, com isso, possibilidade de transformação do papel social da arquitetura.

Notas

¹ Ata da 64ª reunião do Conselho Consultivo do IPHAN.